

DOI: 10.20911/21799024v15n2p108/2024

A Igreja em saída e o esperar do jubileu da esperança

The Church on the way out and the hope of the Jubilee of Hope

Irineu Claudino Sales¹

Resumo: O presente ensaio tem como objetivo apresentar o Jubileu da Esperança, proclamado pelo Papa Francisco, como um dos desdobramentos do processo de *Igreja em saída*. A proposta é colocar em diálogo elementos da *Evangelii Gaudium* com a *Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário Spes Non Confundit*. O texto começa demonstrando a necessidade de uma precisão conceitual entre utopia e esperança. Logo em seguida a esperança é destacada como uma necessidade ontológica do ser humano. Lança-se um olhar sobre os principais pontos da *Bula de Proclamação do Jubileu*, e por fim relacionamos *Igreja em saída* com a comunicação da esperança. Na conclusão colocamos em destaque o contexto de lançamento do Jubileu da Esperança dentro da última etapa do Sínodo da Sinodalidade, o intuito é demonstrar que todas estas iniciativas estão inter-relacionadas dentro da proposta de colocar em prática a *Igreja em saída*.

Palavras-chave: Papa Francisco; Igreja em saída; Jubileu da esperança; esperar, utopia.

Abstract: This essay aims to present the Jubilee of Hope, proclaimed by Pope Francis, as one of the developments of the Church's process on the way out. The proposal is to put elements of *Evangelii Gaudium* in dialogue with the Bull

¹ Presbítero da Diocese de Colatina (ES). Mestre em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), membro do Grupo de Pesquisa Teologia e Pastoral. Bolsista da CAPES. E-mail: claudino.i.sales@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1077-9954>.

of Proclamation of the Ordinary Jubilee *Spes Non Confundit*. The text begins by demonstrating the need for conceptual precision between utopia and hope. Soon after, hope is highlighted as an ontological need for human beings. We take a look at the main points of the Jubilee Proclamation Bull, and finally we relate the Church on the way out with the communication of hope. In the conclusion we highlight the context of launching the Jubilee of Hope within the last stage of the Synod of Synodality, the aim is to demonstrate that all these initiatives are interrelated within the proposal to put the outgoing Church into practice.

Keywords: Pope Francis; Church on the way out; Jubilee of hope; hope, utopia.

Introdução

A esperança é uma das virtudes teológicas, e ao mesmo tempo, característica fundamental da *Igreja em saída*. Sem esperança a vida não consegue ir adiante, tudo se perde. O ser cristão traz em sua ontologia a esperança, uma esperança tão forte que vence a opressão e a morte, uma esperança que nunca se acaba pois nos impulsiona para a vida eterna. Ter esperança é acreditar no futuro, numa realidade diferente, é caminhar movido pela positividade das utopias e esperanças. A esperança é uma das vias pela qual podemos chegar ao conhecimento do amor de Deus por nós. No Jubileu da esperança somos todos chamados a esperar.

Neste breve ensaio iniciamos apresentando uma tentativa de precisão conceitual dos termos: utopia e esperança cristã. A seguir demonstramos a esperança como uma necessidade ontológica do ser humano, demonstramos as características e anseios expressos na bula de proclamação do Jubileu da Esperança, e encerramos com apontamentos que possam auxiliar a compreender o Ano Jubilar como um dos desdobramentos da *Igreja em saída*.

1. Utopia e esperança cristã

Quando pensamos no conceito de esperança logo lembramos de utopia, e por vezes lidamos como se os dois conceitos fossem sinônimos. Libanio, teólogo e amante das palavras, nos ajuda a compreender melhor a epistemologia desses termos. Segundo Libanio, a palavra utopia permite ao menos duas composições referentes as suas raízes de significação: por um lado traduz a dimensão do ir-realizável, do não-lugar, do fantástico e ideal, do inalcançável, do lugar que não existe em lugar nenhum; por outro lado a dimensão de fim (grego: *Telos*) da utopia, quer ser uma realidade boa, melhor (LIBANIO, 1989, p. 20). Continua Libanio: "Evidentemente se conjugarmos as duas etimologias, o sentido se torna mais completo. Assim a utopia é aquele lugar maravilhoso que ainda não tem lugar. É um *eu + topos* [bom lugar], um bom lugar ainda sem lugar *ouk + topos* [não lugar] na história" (LIBANIO, 1989, p. 21).

Sobre a etimologia da palavra esperança nos valem dos estudos do teólogo Cesar Kuzma. Esperança na etimologia latina compreendida pelo verbo *sperare*, segundo Kuzma, uma espera aberta que versa sobre a realização do ser pessoal e não de resultados externos (KUZMA; BOFF, 2007, p. 20-21). A esperança é a tendência para um futuro bom e até possível, mas não certo. Quando se reflete sobre a esperança cristã observamos que:

A certeza de um futuro pleno e feliz, caracterizado pela esperança, só encontramos, de fato, com a tradição judaico-cristã. Nela, a esperança aparece como o fim das tensões que trabalham o coração humano e encaminha à posse gratuita do próprio Deus. Aparece no ato de esperar (*spes qua*), que se funda no objeto da esperança (*spes quae*) e, que aqui, é o próprio Deus (KUZMA; BOFF, 2007, p. 23).

O papa Bento XVI escreveu sobre a esperança cristã na carta encíclica *Spes Salvi* (2007), logo no início do documento afirmava que a fé é esperança. Bento XVI escreveu: “Esta é, de fato, uma palavra central da fé bíblica, a ponto de, em várias passagens, ser possível intercambiar os termos ‘fé’ e ‘esperança’” (SS, n. 2). A verdadeira e grande esperança do homem permanece sempre única: Deus (SS, n. 27). Somos movidos por esperanças maiores e menores, mas o fundamento último de todas as esperanças é o próprio Deus.

Deus é o fundamento da esperança – não um deus qualquer, mas aquele Deus que possui um rosto humano e que nos amou até ao fim: cada indivíduo e a humanidade no seu conjunto. O seu reino não é um além imaginário, colocado num futuro que nunca mais chega; o seu reino está presente onde Ele é amado e onde o seu amor nos alcança (SS, n. 31).

A dinâmica do Reino de Deus é envolta no mistério do já e do ainda não, um já consolador e presente na história e um ainda não, que nos impulsiona a desejar e construir, em comunhão com os irmãos e irmãs, a plenitude do Reino.

Então agora podemos pensar as semelhanças entre utopia e esperança. As duas “se caracterizam pela distância entre o real presente e a proposta futura. O real presente é submetido à crítica em confronto com o futuro desejado, esperado. As expectativas de uma situação melhor no futuro, ainda sem-lugar, exercem função crítica ao presente existente” (LIBANIO, 1989, p. 168). Outra semelhança que podemos destacar é o traço positivo da utopia e da esperança, em ambas, o que se almeja é sempre um bem. O contrário da utopia é a distopia e o contrário da esperança é a desesperança que se configura como um presente trágico e imutável.

Já sobre as diferenças entre utopia e esperança podemos elencar a relação dos referidos termos com a Transcendência (Deus):

A utopia busca encontrar sua motivação última nos valores humanos, no horizonte histórico das conquistas e derrotas dos homens. [...] A esperança cristã pode deixar-se motivar também por valores humanos, conhecidos e vividos no horizonte exclusivo da experiência humana. Mas reconhece que tal motivação é intermédia, mas nunca a última e definiti-

va. Só adquire, em último termo, seu valor de outra motivação: a Transcendência [Deus] (LIBANIO, 1989, p. 172).

Libanio ainda nos aponta que a utopia traz em si o gérmen da morte, pois quando a utopia se realiza ela deixa de existir, já a esperança não acabará nunca, nem na plenitude da vida eterna, pois ela traduz uma relação fundamental com Deus (LIBANIO, 1989, p. 175-176). É importante destacar que o “encontro da utopia e da esperança enriquece a ambas. Seu afastamento e estranhamento só as empobrece” (LIBANIO, 1989, p. 185).

2. A esperança como necessidade humana ontológica

O ser humano traz dentro de si o desejo de infinito, de transcendência que o coloca num caminho de busca constante. Naturalmente somos habitados por utopias que nos impulsionam a seguir adiante, mas só o homem de fé é lançado no avante escatológico. O teólogo Libanio explica o que é a utopia e o bem escatológico:

A utopia inscreve-se unicamente na história humana terrena. [...] Só existe utopia no campo do bem. [...] Porque se trata de um bem não existente e possível, sentimos-nos movidos, motivados a agir, a realizá-lo. [...] O bem escatológico já está presente na história, mas não totalmente. Além disso, realiza-se na história, mas somente em parte (LIBANIO, 2014, p. 148).

Essa sede de infinito que nos habita é a porta de entrada para fé de muitos homens e mulheres, que frustrados tentaram inutilmente buscar outras formas de calar “definitivamente a dimensão de transcendência do ser humano” (LIBANIO, 2014, p. 149). A esperança é sempre a utopia no campo do bem, é pensar um outro horizonte possível, mesmo que ainda não possa ser visível hoje, mas que se pode construir possivelmente num amanhã. A utopia tem sempre a função de nos desacomodar, e nesta função nos remete a *Igreja em saída* com todas as suas propostas de sair, primeirar, conversão eclesial, discípulos missionários, opção pelos pobres, etc.

O professor Jason Mafra, em entrevista, afirma que ter esperança é acreditar que o cenário atual não é definitivo, não existe opressão eterna (MAFRA, 2024). Mafra também nos diz que quando a opressão instaura o seu extremo, de tal modo a nos fazer pensar que não tem saída – situação limite, então é chegado o momento de se reinventar, de procurar o inédito viável que dialoga com o conceito de utopia, e deste modo criar as ferramentas do amanhã. “O ser humano tem duas asas para voar. Uma leva-o pelo voo da memória para o passado. Outra o conduz ao futuro pelas asas do desejo. Memória e desejo: duas forças espirituais do homem que o arrancam continuamente do presente em que está inexoravelmente ancorado” (MAFRA, 2014). O ser humano é um ser situado, mas um ser “não reconciliado” com a realidade e sempre impulsionado para além dela (LIBANIO, 1989, p. 98). É preciso buscar o que não sabemos, segundo

o educador brasileiro Paulo Freire isso é esperar², não com passividade, mas possibilitando caminho para o novo (FREIRE, 1992). Com sua proposta de esperar Freire, com realismo, nos alerta:

Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas, prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão. (FREIRE, 1992, p. 10)

Sendo assim, para não cair na desesperança é preciso reconhecer a potência da esperança aliada à prática. “Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica” (FREIRE, 1992, p. 11). Movidos pela esperança os cristãos se empenham na transformação da realidade, em prol da implantação do Reino de Deus que permanece como algo presente e ao mesmo tempo em via de plenificação.

3. O jubileu da esperança

O Papa Francisco, através da bula *Spes non Confundit* (2024), proclamou o Jubileu Ordinário para o ano de 2025. O Jubileu é ordinário porque é convocado pelo Papa a cada vinte cinco anos. Recordemos que o Papa Francisco em 2015 convocou um Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Na bula de proclamação do Jubileu da Esperança podemos ler: “Todos esperam. No coração de cada pessoa, encerra-se a esperança como desejo e expectativa do bem, apesar de não saber o que trará consigo o amanhã” (SnC, n. 01).

O Jubileu da Esperança tem como lema “Peregrinos da esperança”, uma alusão a antiga prática eclesial dos fiéis em peregrinar até lugares sagrados em busca do perdão de seus pecados. No decorrer do ano jubilar os fiéis poderão acorrer a Igrejas e Santuários, previamente estabelecidos, para lucrar indulgências: “o perdão pode-nos permitir mudar o futuro e viver de forma diferente, sem rancor, ódio e vingança” (SnC, n. 23).

A bula de proclamação do ano jubilar tem como um dos seus fundamentos a citação bíblica de Paulo aos Romanos: “Uma vez que fomos justificados pela fé, estamos em paz com Deus por Nosso Senhor Jesus Cristo. [...] Ora a esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado’ (Rm 5, 1-2.5)” (SnC, n. 02). Com São Paulo o Papa Francisco afirma que a esperança cristã não nos engana, pois seu fundamento está na certeza de que nada e nem ninguém poderá jamais nos separar do amor de Cristo: “Quem nos separará do amor de Cristo?” (Rm 8, 35). São Paulo enfrenta com realismo as vicissitudes da vida, sejam as alegrias e dores, e sabe que é na tribulação que o amor é provado e é nestas horas que se desenvolve a paciência, que é a virtude parente próxima da esperança (SnC, n. 4). O

2 Termo cunhado por Paulo Freire e que significa se levantar, ir atrás, construir, não desistir!

Papa Francisco nos convida a redescobrir a paciência como algo que faz bem a nós próprios e aos outros (SnC, n. 4).

O Jubileu da Esperança começa em 24 de dezembro de 2024 com a abertura da Porta Santa da Basílica de São Pedro, e será encerrado com o fechamento da Porta Santa em 06 de janeiro de 2026, solenidade da Epifania do Senhor. Ficou estabelecido que nas Igrejas particulares a abertura do Ano Jubilar será celebrada no domingo 29 de dezembro de 2024, e o encerramento no dia 28 de dezembro de 2025.

O Jubileu da Esperança é sinal profético num mundo imerso em realidades sombrias que envolvem: guerras, mudanças climáticas, fome, doenças, mortes, etc. Na bula de proclamação do Jubileu da Esperança o Papa Francisco recorda de modo especial que devemos ajudar os jovens, idosos, doentes, pobres, endividados, migrantes a renovarem a esperança.

Celebraremos no contexto do Jubileu da Esperança os 1700 anos do primeiro grande Concílio Ecumênico, o de Nicéia, que teve a missão de preservar a unidade, que estava seriamente abalada pela ameaça de negação da plena divindade de Jesus Cristo e da sua igualdade com o Pai (SnC, n. 17). Na tentativa de zelar pela unidade, no Concílio de Nicéia, se formulou o Símbolo da Fé, com a expressão eclesial “Nós cremos”, sinal de comunhão na mesma fé. Nicéia também tratou da data da Páscoa, porém ainda hoje os cristãos do Oriente e Ocidente não celebram no mesmo dia o evento fundante da fé cristã. Por esse motivo, uma das propostas do Jubileu da Esperança é colocar em questão uma data comum³ para celebração da Páscoa, com o firme propósito de promover uma união mais plena entre os cristãos. No final do documento de proclamação do Ano Jubilar o Papa conclui: “o próximo Jubileu há de ser um Ano Santo caracterizado pela esperança que não conhece ocaso, a esperança em Deus” (SnC, n. 25).

4. A Igreja em saída como comunicação da esperança

Tomando por base a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), afirmamos que a *Igreja em saída* é o projeto macro do Papa Francisco e daí decorrem tantos outros projetos. É como se a *Igreja em saída* fosse o grande guarda-chuva debaixo do qual se desenvolvem as diversas propostas em várias direções: discípulos missionários, ecologia integral, Pacto Educativo Global, Economia de Clara e Francisco, sinodalidade, etc.

Nos fundamentando na *Evangelii Gaudium* (EG, n. 20-23) podemos explicitar: *Igreja em saída* é um esvaziar-se de si mesmo, para ir ao encontro das periferias humanas e levar a alegria do Evangelho, compreendendo que evangelizar é sinônimo de humanizar. Ser *Igreja em saída* é ser Igreja que passa pela conversão pastoral, que envolve a conversão de cada um dos batizados e

³ Atualmente as divergências sobre o dia de celebração da Páscoa da Ressurreição do Senhor ocorrem, dentre outros motivos, pela diferença de calendários: calendário gregoriano – seguido pelos católicos, calendário juliano – seguido pelos ortodoxos.

batizadas. Ser *Igreja em saída* é ser Igreja em movimento, impulsionada pelo Espírito Santo a caminhar pelas estradas da vida apesar das curvas e desvios das realidades humanas. Ser *Igreja em saída* é um ato de fé, de uma Igreja que não teme a vulnerabilidade, mas segue a Jesus encarnado, morto e ressuscitado. A *Igreja em saída* é a Igreja da esperança, movida pela confiança de que o Espírito Santo é quem a conduz a evangelizar tornando presente e construindo o Reino de Deus.

Ao sair ao encontro das pessoas lá onde as suas vidas acontece a Igreja leva esperança e compartilha alegria. A forte esperança cristã de que nada pode nos separar do amor de Cristo. A alegria verdadeira daqueles que se encontraram com Jesus Cristo e fizeram dele o seu maior tesouro, e que por isso saem para compartilhar a alegria do Evangelho.

Conclusão

No Jubileu da Esperança se manifesta a condição humana enquanto ser insatisfeito com o presente e aberto para o Transcendente, que se coloca a caminho movido pela esperança cristã que nos conduzirá a uma realidade plena e positiva: Deus.

Um grande risco é cairmos em utopias escapistas e alienantes que nos levariam a alimentar fantasias, a rejeitar o presente sem visualizar possibilidades de um amanhã melhor. Algumas pessoas: “Sonham por um mundo melhor, mas não provocam nenhum apelo de luta por aquele mundo. Condena-se o presente, foge-se dele no sonho. Diz-se o que é o bem, mas não como alcançá-lo. Diz-se em que consiste o mal, mas não como substituí-lo pelo bem” (LIBANIO, 1989, p. 59). A esperança cristã nos move a construir hoje as ferramentas de um novo amanhã.

Segundo nossa percepção o Jubileu da Esperança é um dos desdobramentos do projeto de *Igreja em saída*, um projeto que foi idealizado pelo Papa Francisco na fidelidade ao Concílio Vaticano II. No entanto, o projeto de *Igreja em saída* é maior que o Papa Francisco e transbordará para além do atual pontificado. Tendo sido convocado no contexto de encerramento do Sínodo da Sinodalidade, independentemente dos resultados sinodais que foram apresentados no Documento Final, vemos no Jubileu da Esperança um convite do Papa Francisco para que todos enquanto sujeitos eclesiais possamos seguir praticando a esperança cristã, abrindo novos caminhos para a evangelização no presente e no futuro.

Siglas

- EG = Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*.
- SnC = Bula de proclamação do Jubileu Ordinário *Spes non confundit*.
- SS = Carta encíclica *Spes Salvi*.

Referências

- BENTO XVI, Papa. *Carta Encíclica Spes Salvi*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html. Acesso em: 28 set. 2024.
- FRANCISCO, Papa. *Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário Spes Non Confundit*. Brasília: Edições CNBB, 2024. (Documentos pontifícios; 63)
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- KUZMA, Cesar Augusto. BOFF, Jenura Clothilde. *A esperança cristã: fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann*. Rio de Janeiro, 2007, 165p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- LEPARGNEUR, H. *Esperança e escatologia*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- LIBANIO, João Batista. *Introdução à Teologia Fundamental*. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Introduções).
- LIBANIO, João Batista. *Utopia e esperança cristã: a esperança não engana* (Rm 5,5). São Paulo: Loyola, 1989. (Fé e realidade, 26).
- MAFRA, Jason. *Esperanças em Paulo Freire: Jason Mafra comenta a obra Pedagogia da Esperança*. Entrevista concedida ao Instituto Claro. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hANAXXaYJIk>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- MOLTMANN, J. *Teologia da esperança*. Estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã. Trad. Helmuth Alfredo Simon. 3. ed. São Paulo: Teológica, Loyola, 2005.